



A VISÃO DO TOTALITARISMO EM HANNAH ARENDT E A IMPORTÂNCIA PARA OS DIAS ATUAIS

Subprojeto Filosofia PIBID/UNIFRA

Isis Moraes Zanardi, Diego Carlos Zanella
Centro Universitário Franciscano - UNIFRA

O objetivo desse projeto de pesquisa é o de apresentar o pensamento sobre o totalitarismo, especialmente sobre a origem do mal, da filósofa política alemã, de origem judia, Hannah Arendt (1906-1975). Seu maior interesse se desenvolveu no campo da política, proeminentemente ao se preocupar em compreender e descrever o totalitarismo. Nesse sentido, ela procurou delinear em suas obras a perda da tradição que ocorreu no campo político, e, assim, reconheceu o surgimento de um mal (radical). Desse modo, ela se preocupou em detalhar “o que é a política” e descreveu o tema que balizava os regimes políticos, tanto na Primeira quanto na Segunda Guerra Mundial, a saber, o totalitarismo. A consequência imediata de sua análise sobre o totalitarismo foi o desaparecimento da capacidade de percepção do mal, o que Hannah chamava de “a banalidade do mal” e que se encontra detalhada em sua obra de 1963, a saber, *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. O ensaio foi originalmente escrito a partir da cobertura jornalística à revista *The New Yorker* sobre o julgamento de Adolf Eichmann (1906-1962), ocorrido dois anos antes em Israel. Arendt não se preocupou em sustentar nenhuma tese ou doutrina, mas sim em demonstrar que o mal radical existe e que surgiu em um sistema político, no qual não houve a preocupação com o sentido de humanidade, transformando, assim, o ser humano em coisa. Ela somente fará a análise do mal após ter compreendido o tema do mal radical em Immanuel Kant (1724-1804), como um princípio que eventualmente afasta as pessoas dos seus deveres morais em proveito de suas próprias inclinações. Nesse sentido, o terror totalitário é frequentemente confundido com as medidas de intimidação da tirania ou do terror das revoluções e guerras civis (ARENDR, 1994, p. 298). O mal permanece evidente, porém a forma como ele é visto acaba sendo alterada, pois no totalitarismo o mal se torna geral e se propaga como uma doença, que atinge todos os indivíduos. O horror que se propaga entre as considerações político-morais e a imediata indignação que havia em comum com a compreensão de guerra total seria uma forma de levar a conduzir não somente guerras locais, mas sim uma guerra total, de modo que, não somente para os governos totalitários, mas para o mundo (ARENDR, 2002, p. 92). A crença totalitária demonstra que tudo pode ser destruído e que existem crimes que os homens não podem nem punir nem perdoar, tornando, assim, possível o impossível, isto é, o mal absoluto.

Palavras-chave: mal radical; banalidade do mal; hannah arendt.